

Leandro Vieira Cavalcante

Mestre e Doutorando em Geografia pela Universidade Estadual do Ceará
leandro.cavalcante@hotmail.com

A dinâmica espacial da produção cearense de coco

Resumo

O objetivo principal deste artigo é discutir acerca da dinâmica espacial da produção de coco no estado do Ceará, destacando, sobretudo, a espacialização desse cultivo em território cearense e a caracterização dos espaços de produção de coco aí localizados. Realiza-se também um debate acerca do papel exercido pela atividade agrícola no processo de produção do espaço, evidenciado empiricamente a partir da análise do cultivo de coco.

Palavras-chave: Produção de coco, Dinâmica espacial, Produção do espaço.

Abstract

SPATIAL DYNAMICS OF CEARÁ'S COCONUT PRODUCTION

The main purpose of this article is to discuss the spatial dynamics of coconut production in the State of Ceará (Brazil) while highlighting the spatialization of this process and the characterization of the coconut production spaces in Ceará's territory. It also debates the effect agricultural activity has on the space production process, empirically evidenced from the coconut cultivation analysis.

Key-words: Coconut production, Spatial dynamics, Production of space.

1. Introdução

O estado do Ceará é um dos maiores produtores de coco¹ do Brasil, assumindo um lugar de destaque no contexto produtivo desse fruto, cuja

distribuição espacial é muito particular em território cearense, sendo cultivado sobremaneira na região litorânea e, mais recentemente, também na região semiárida, em grandes áreas irrigadas. Ao longo de décadas, essas regiões passaram a se especializar no cultivo desse fruto, denotando a existência de específicos espaços destinados à produção de coco, com características bastante peculiares. Nesse sentido, o objetivo principal deste artigo é discutir acerca dessa configuração espacial da produção de coco no Ceará, focando na espacialização desse cultivo em território cearense e na caracterização dos principais espaços de produção de coco aí localizados.

Através deste estudo procuramos enaltecer o debate acerca da dimensão espacial da produção agrícola, com foco na análise do contexto produtivo do coco no Ceará. Entendemos, a partir da leitura sobretudo de Santos (1985, 2008, 2009) e Lefebvre (1973, 2000), que a produção agrícola assume um papel fundamental no processo de produção do espaço, haja visto que esse espaço passa a ser dinamizado pelo uso a ele atribuído, mediante a reprodução das relações sociais por intermédio das técnicas e do trabalho. A partir do momento que uma dada produção agrícola passa a ser realizada em um determinado local, imediatamente o espaço é chamado a participar dessa atividade produtiva, contribuindo para modificar algumas das características inerentes àquela organização espacial, impulsionando o constante processo de produção do espaço, algo dinâmico e intimamente associado ao modo de produção vigente, isso porque, como afirma Lefebvre (2000), as forças produtivas e as relações de produção assumem um papel fundamental na produção do espaço.

Assim, cada produção agrícola possui sua própria espacialidade e contribui para denotar a existência de “situações geográficas” (SILVEIRA, 1999) distintas umas das outras em virtude da configuração espacial resultante das forças produtivas que atuam no espaço, visto que “cada produção organiza o espaço segundo uma modalidade própria” (SANTOS, 1985, p. 68). Por essa razão, cada produção agrícola é influenciada e influencia sobremaneira a produção do espaço, e tem também uma dinâmica espacial que lhe é intrínseca, podendo ser observada pela análise da espacialização da produção no território e pela organização espacial dos locais elencados para essa produção, como exemplificaremos através do estudo do cultivo de coco no Ceará. Essa análise é essencialmente geográfica, pois se volta

para a compreensão de como o espaço é produzido e organizado a partir de uma determinada atividade produtiva, capaz de dotar esse espaço de características que lhe modificam especialmente a forma e o conteúdo, segundo assegura Santos (2009).

Este esforço teórico-empírico voltado para captar a dinâmica espacial da produção de coco no Ceará esteve ancorado em uma metodologia que considerou o movimento dialético entre espaço e sociedade, entre configuração espacial e atividade produtiva, ao qual se refere Soja (1988). Para abarcar esse movimento, destacamos três procedimentos metodológicos elencados como essenciais para atingirmos o objetivo proposto com a investigação aqui apresentada, a saber: i) levantamento bibliográfico, especialmente de obras que discutem temas como a produção do espaço, as relações sociais de produção no campo, a reestruturação produtiva da agricultura brasileira e o contexto produtivo do coco; ii) levantamento de dados secundários acerca do cultivo de coco em território cearense, obtidos sobretudo no IBGE, possibilitando o entendimento da espacialização dessa produção; iii) trabalhos de campo realizados em alguns dos principais municípios produtores de coco do Ceará², localizados na região do litoral oeste cearense, onde pudemos visitar os espaços voltados para o cultivo desse fruto e realizar entrevistas semiestruturadas com diversos agentes que atuam nessa atividade³.

Destaca-se que este estudo foi realizado na consecução de nossa pesquisa de mestrado⁴, que teve como objetivo principal analisar as principais dinâmicas socioespaciais advindas com um recente processo de reestruturação da produção de coco no Brasil⁵, que vem alterando as formas de uso e ocupação do espaço e a organização das relações sociais de produção inseridas no contexto produtivo desse fruto. No presente artigo, apresentamos apenas alguns dos resultados obtidos na pesquisa de mestrado, os quais abarcam uma série de outras dimensões que não serão aqui ressaltadas. Ao longo do artigo, explanamos inicialmente acerca da relação entre espaço e produção de coco, e em seguida apresentamos como o cultivo desse fruto vem sendo realizado no Ceará. Posteriormente abordamos a espacialização da produção cearense de coco e caracterizamos os espaços voltados para o cultivo desse fruto.

2. Geografia, espaço e produção de coco

Uma determinada atividade agrícola não é, por si só, um objeto de pesquisa da Geografia – ciência regida por métodos e investigações que lhes são particulares. Mas uma atividade produtiva pode muito bem ser alçada a objeto de estudo geográfico quando associada a um conjunto de dinâmicas expressas socioespacialmente, como é o caso da produção de coco aqui apresentado. Nesse sentido, não é o coco em si, o fruto oriundo do coqueiro, que é o objeto da investigação geográfica, mas sim as inúmeras dinâmicas que estão intimamente relacionadas a todas as etapas que perpassam seu movimento produtivo, chamado por Santos (1994, 1996) de “circuito espacial da produção”, evidenciando o caráter espacial dessa atividade produtiva.

Desse modo, o coco, sempre associado ao seu circuito espacial produtivo, pode ser considerado como um objeto de pesquisa da Geografia não apenas pelo fato de ser um fruto produzido em um determinado espaço, mas sobretudo em virtude de sua produção estar permeada de dinâmicas intrinsecamente ligadas a questões de ordem socioespacial, que podem ser analisadas e apreendidas a partir de métodos inerentes às pesquisas geográficas. Acrescenta-se ainda que, de acordo com Lévy e Lussault (2013, p. 734), é o modo como fazemos as perguntas e pensamos a problemática da pesquisa que vai dar o tom geográfico ao estudo, questões essas que têm por objetivo transformar os objetos em “problemas geográficos”. Esse seria então o verdadeiro sentido do “pensar geograficamente” a que se refere Stock (2006), em que até mesmo a produção de coco pode se tornar um objeto de pesquisa geográfico⁶.

Diante desse debate, questionam-se a relação da produção de coco com a Geografia e os principais elementos que caracterizam o estudo da “geografia do coco”. Para responder a essas perguntas é necessário atentarmos para a importância da discussão em torno da noção de espaço geográfico para a compreensão dos processos inseridos especialmente no cultivo de coco, tendo em vista que todo ato de produção agrícola é, ao mesmo tempo, um ato de produção do espaço⁷, conforme aponta Santos (2008), tornando-se dois atos indissociáveis, já que “não há produção que não seja produção do espaço” (SANTOS, 1994, p. 88). Nesse sentido, é

preciso ficar claro que todo o movimento produtivo, incluindo o do coco, é também um fator que leva à (re)produção e à (re)organização do espaço.

Essa discussão nos leva até mesmo a uma reflexão mais profunda acerca da própria “natureza do espaço geográfico” (SANTOS, 2009), objeto de investigação de geógrafos das mais diversas correntes teóricas, filosóficas e epistemológicas. Remete-nos também ao debate em torno da relação espaço-sociedade e de como podemos apreendê-la, conforme asseguram autores como Lefebvre (2000) e Santos (1985, 2008, 2009), entre outros, que tomam o espaço enquanto uma construção social, fruto do trabalho humano e um produto histórico. Esses autores acrescentam ainda que para analisar o espaço é necessário apreender sua relação com a sociedade, pois é ela que dita a compreensão dos efeitos dos processos que se dão desde a produção ao uso e à organização do espaço.

Segundo Santos (2009, p. 109), “o espaço é a síntese, sempre provisória, entre o conteúdo social e as formas espaciais”, isto é, o espaço é forma e conteúdo, “formado por um conjunto indissociável, solidário e também contraditório, de sistemas de objetos e sistemas de ações, não considerados isoladamente, mas como o quadro único no qual a história se dá” (p. 63). De acordo com o autor, esses sistemas de objetos e sistemas de ações interagem: de um lado, “os sistemas de objetos condicionam a forma como se dão as ações e, de outro lado, o sistema de ações leva à criação de objetos novos ou se realiza sobre objetos preexistentes. É assim que o espaço encontra sua dinâmica e se transforma” (SANTOS, 2009, p. 63). E, nesse processo, mudam os conteúdos e as formas do espaço, seus sistemas de objetos e ações e as dinâmicas socioespaciais que lhe caracterizavam.

A partir desse entendimento, observa-se que o movimento produtivo do coco vai originar espaços que lhe são bastante particulares. Retomando a ideia de “instâncias produtivas” apresentada por Santos (1985), que juntas nos dariam uma melhor compreensão do próprio espaço, entendido pelo autor como algo uno, total e indivisível, vislumbramos a existência de no mínimo quatro instâncias ligadas à produção: o espaço da produção propriamente dita, o da circulação, o da distribuição e o do consumo, mutuamente interligados e interdependentes. Assim, sempre que nos referirmos aos “espaços de produção de coco”, por exemplo, estamos implicitamente considerando tais espaços como algo socialmente construído e onde se

desenrolam as relações sociais, considerando ainda seu histórico processo de produção e seu permanente movimento de reprodução.

Isso nos levaria a uma questão de ordem eminentemente geográfica, pois compreender como se organiza a geografia do coco é ir para além de seu aspecto meramente produtivo, é ver como o espaço e a sociedade são inseridos nesse movimento específico do processo de produção do fruto. Por essa razão, pensar essa geografia do coco nos leva, antes de mais nada, a pensar a própria Geografia, tomada aqui enquanto uma ciência encarregada do estudo da relação entre espaço e sociedade. A produção de coco é o ponto de partida e o tema central que guia nossa reflexão e análise, entretanto essa discussão não deve girar em torno exclusivamente dela e de seu circuito espacial produtivo, e sim desse espaço e dessa sociedade, responsáveis por conduzir as investigações de muitos dos geógrafos. É o espaço e a sociedade que dão a tônica ao estudo de qualquer que seja a produção agrícola a partir do viés geográfico, que poderá ser apreendido através do vislumbamento da sua dinâmica espacial produtiva, como será demonstrado brevemente ao longo desse trabalho.

3. O coco do Ceará no tempo e no espaço

A presença de coqueirais é um elemento inerente às paisagens que compõem o litoral do Ceará, avistados a uma longa distância e incorporados às praias, às dunas e às falésias que caracterizam essa porção do território cearense. A esse respeito, Lima (2002) destaca que as comunidades aí instaladas historicamente sempre tiveram uma relação bastante intrínseca com esses coqueirais, basicamente da variedade gigante, que servem ainda hoje como fonte de alimento e renda para inúmeras famílias e fornecem matéria-prima para a construção de casas e para a confecção de artesanato e jangadas, por exemplo – como é também observado sobretudo ao longo de todo o litoral da região Nordeste, conforme aponta Andrade (1964).

Entretanto, essa característica dos coqueirais funcionando basicamente como um identificador da paisagem comumente associada ao litoral cearense e sendo cultivados quase que exclusivamente por camponeses aí localizados passa a ser bastante alterada nestas últimas duas décadas,

haja vista que o cultivo de coco se tornou, efetivamente, uma atividade econômica, capitaneada inclusive por grandes grupos empresariais. Ao ser inserida no contexto nacional da reestruturação produtiva do coco, essa atividade vem passando por grandes mudanças no Ceará, observando-se, entre outros, a entrada de uma racionalidade capitalista no cultivo dos frutos, a disseminação do cultivo de coqueiros anão e híbrido⁸ e a ocupação de novos espaços distantes da histórica região de produção de coco – os litorais.

Denota-se, com isso, o advento do agronegócio do coco no Ceará, cujo foco é a produção do fruto ainda verde, voltado para o consumo da água, cultivado em larga escala e com o uso intensivo de tecnologia, corroborando para alterar sobremaneira o modo como o coco vinha até então sendo produzido e contribuindo para alterar a dinâmica espacial produtiva desse fruto em território cearense. Assim, de uma produção, até meados do século passado, marcada exclusivamente pelo seu caráter semiextensivo e em certos casos extrativista, notamos atualmente o desenvolvimento de um novo modelo de produção de coco. Desse modo, o coco no Ceará deixa de ser apenas sinônimo de extrativismo, quando se coletava o fruto ainda seco dos coqueiros gigantes, e se torna uma atividade intensiva em capital, trabalho e tecnologia.

Dessa forma, a partir do processo de reestruturação produtiva em curso, há um aumento considerável da quantidade produzida e da área plantada com o fruto no Ceará. Analisando os dados divulgados pelo IBGE/PAM⁹ (tabelas 1 e 2), percebe-se que de 1990 a 2010 a produção cearense de coco praticamente dobrou, chegando a um aumento de 99%, enquanto a área plantada cresceu quase 25% e a produtividade 60%. Esses indicadores demonstram que o cultivo do fruto no Ceará teve um importante impulso nessas últimas duas décadas, apontando ainda para uma produtividade em ascensão. Salienta-se que em 2010 o Ceará concentrava 14% da produção nacional e 16% da área plantada no país, configurando-se como o segundo principal produtor de coco, atrás apenas da Bahia¹⁰.

Tabela 1

CEARÁ. ÁREA PLANTADA COM COQUEIROS (EM HECTARES), QUANTIDADE PRODUZIDA DE COCO (EM MIL FRUTOS) E PRODUTIVIDADE (MIL FRUTOS/HA/ANO). 1990 – 2010

	1990	2000	2010
Área plantada	35.431	37.316	44.224
Quantidade produzida	133.880	193.729	266.263
Produtividade	3,78	5,19	6,02

Fonte: IBGE/PAM. Elaboração: Leandro Cavalcante, 2013.

Tabela 2

CEARÁ. ÁREA PLANTADA COM COQUEIROS (EM HECTARES), QUANTIDADE PRODUZIDA DE COCO (EM MIL FRUTOS) E PRODUTIVIDADE (MIL FRUTOS/HA/ANO). VARIAÇÕES ABSOLUTA E RELATIVA (EM %). 1990 – 2010

	Variação Absoluta			Variação Relativa		
	1990 - 2000	2000 - 2010	1990 - 2010	1990 - 2000	2000 - 2010	1990 - 2010
Área plantada	1.885	6.908	8.793	5,32	19,50	24,82
Quant. produzida	59.849	72.534	132.383	44,70	37,44	98,88
Produtividade	1,41	0,83	2,24	37,39	15,97	59,34

Fonte: IBGE/PAM. Elaboração: Leandro Cavalcante, 2013.

A partir da realização de trabalhos de campo em seis municípios que se destacam no cultivo de coco e de entrevistas com inúmeros agentes inseridos no circuito espacial produtivo do fruto, visualizamos de perto a consecução desse novo modelo de produção do fruto no Ceará e ouvimos relatos que evidenciam a reestruturação produtiva do setor em território cearense. No entanto, ressalta-se que esse processo não se dá de maneira homogênea, diferenciando os produtores que historicamente cultivam coqueiro gigante para a produção de coco seco daqueles que passaram a cultivar coqueiros anão e híbrido para a produção de coco verde, denotando uma distinta configuração socioespacial do cultivo do fruto no Ceará, até mesmo porque na maioria das vezes essas produções se dão em locais diferentes.

É nos espaços onde predominam os cultivos de coqueiro anão e híbrido que se observa nitidamente como está organizado o novo modelo de produção de coco no Ceará. Esse cultivo, que visa basicamente suprir

as demandas do mercado de coco verde, já se inicia sob os auspícios da reestruturação produtiva do setor e do agronegócio globalizado. É em torno dessa produção de coco verde que são instalados os sistemas de irrigação automatizada e é aplicada toda uma sorte de adubos e fertilizantes, os quais garantem uma grande produtividade e uma redução das perdas, diferentemente do observado no cultivo de coqueiro gigante, pouco exigente em insumos e com uma produtividade inferior.

Nota-se, assim, que não podemos tratar a produção de coco no Ceará de forma homogênea, diante da diversidade de produtores, de configurações produtivas e de locais onde essa produção é realizada. Portanto, tais produtores e instâncias produtivas são inseridos de maneiras distintas na atual organização espacial do cultivo do fruto, isso porque não há contextos produtivos e socioespaciais que sejam homogêneos.

4. A espacialização da produção cearense de coco

A compreensão de como se espacializa uma dada produção é fundamental para melhor entender como ela está organizada e como se configura sua geografia particular. Desse modo, conhecer a espacialização¹¹ da produção cearense de coco se faz importante para percebermos como ela está distribuída no território e atentarmos para suas principais características, a fim de melhor apreender como o espaço passou a ser ocupado e transformado a partir dessa produção. Através da análise dos dados, divulgados pelo IBGE, nota-se que aos poucos o coco passa a ocupar novos espaços no Ceará, onde encontramos uma produção moderna, intensiva e altamente especializada, visando produzir sobretudo coco verde.

Como visto anteriormente, a atual configuração espacial da produção cearense de coco pode ser duplamente diferenciada. Grosso modo, observa-se a existência de dois arranjos espaciais completamente distintos entre si no que tange ao cultivo do fruto no Ceará, um localizado no litoral e outro no interior. Ambos representam um híbrido entre o tradicional e o moderno, entre os antigos espaços de produção do fruto e os novos, entre aqueles onde é cultivado o coqueiro gigante e aqueles onde se cultivam as outras duas variedades. Um híbrido ainda entre o cultivo de coqueiros

de maneira semiextensiva, baseado em uma agricultura de sequeiro, e o cultivo realizado de maneira intensiva, baseado em uma agricultura irrigada, completamente inserido no contexto da atual reestruturação produtiva do setor.

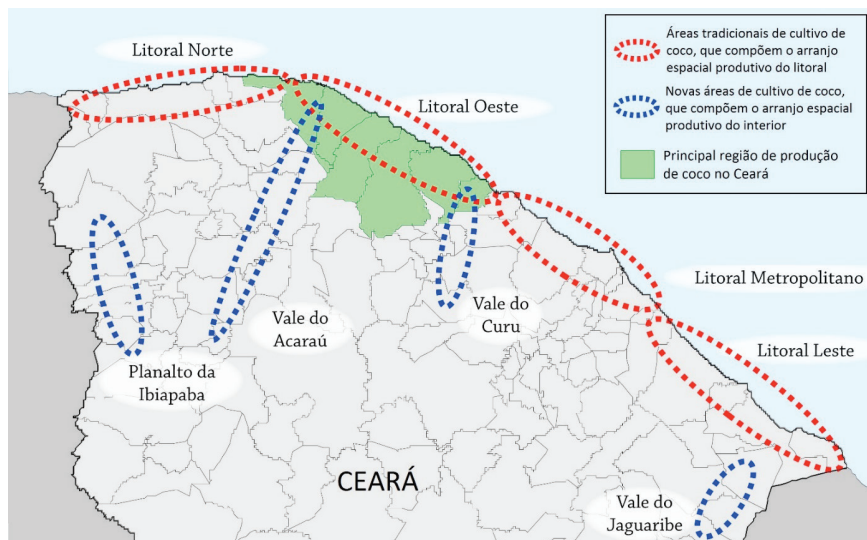
O primeiro desses arranjos espaciais de produção de coco começou a se formar quando as primeiras mudas de coqueiros foram plantadas em território cearense. Caracterizado predominantemente pelo cultivo da variedade gigante, esse arranjo espacial abrange uma área que se estende de leste a oeste do litoral do Ceará, historicamente uma importante região produtora de coco. No entanto, se antes o coqueiro era sinônimo exclusivo de litoral, isso passa a ser alterado por influência direta da reestruturação produtiva, dando origem a um novo arranjo espacial de produção de coco, localizado no interior cearense e distinto do já existente.

Esse segundo grande arranjo espacial do cultivo do fruto começou a se formar a partir da dispersão do cultivo de coqueiros anão e híbrido por todo o território cearense, que deu origem a uma nova organização espacial da produção de coco, dinamizando um conjunto de espaços e municípios em várias regiões do Ceará, que passaram a se especializar nesse cultivo. E um dos principais fatores que levou à formação desse novo arranjo espacial foi a difusão da agricultura irrigada e de sistemas técnicos associados à irrigação, responsáveis por garantir a sobrevivência dos coqueiros no hostil ambiente do semiárido nordestino, caracterizado especialmente pela escassez hídrica associada à irregularidade pluviométrica.

Dessa forma, e de um modo geral, o que podemos constatar é que a produção, antes concentrada exclusivamente no litoral, passa a ser realizada também em diversas outras áreas. Dentre essas áreas de importante incremento na produção de coco nestas últimas duas décadas destacamos o interior dos municípios litorâneos, onde é possível cultivar o fruto em uma distância aproximada de até 20 quilômetros do litoral (em áreas de tabuleiro), e os vales dos rios Curu e Acaraú, que abrigam grandes projetos de irrigação, públicos e particulares. Além dessas, citamos ainda as áreas do Planalto da Ibiapaba e do Vale do Jaguaribe, de recente expansão do cultivo do fruto. São essas as áreas (evidenciadas na imagem 1) que compõem o novo arranjo espacial produtivo do coco no Ceará, todas elas apresentando uma grande disponibilidade hídrica e condições para a instalação de sistemas de irrigação automatizada.

Imagem 1

ATUAL CONFIGURAÇÃO ESPACIAL DA PRODUÇÃO DE COCO NO CEARÁ (2015)



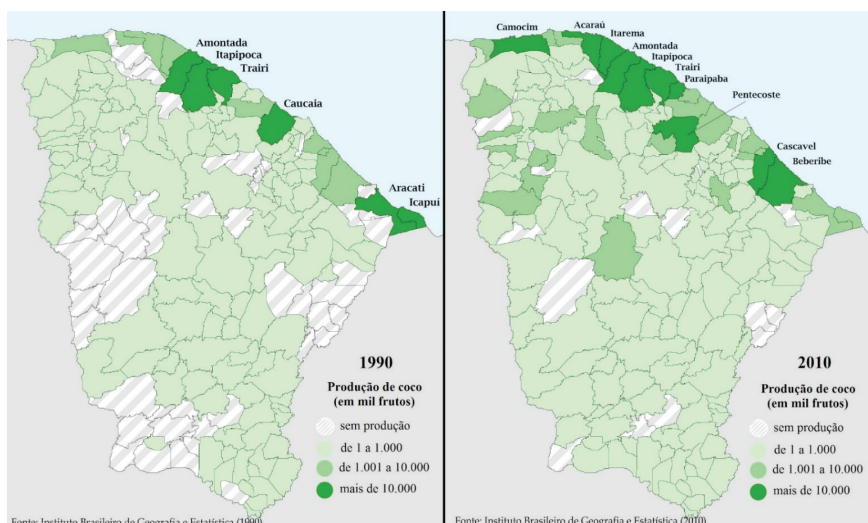
Organização: Cavalcante e Mendoza, 2015. Disponível em Cavalcante (2015).

Assim, além de promover essa dispersão espacial produtiva, a reestruturação do setor levou a uma nova concentração do cultivo do fruto, promovendo especializações territoriais centradas na sua produção, nos termos de Santos e Silveira (2003), como a observada em uma região localizada no litoral oeste. Essa importante região de produção de coco (imagem 1) é formada pelos municípios de Acaraú, Amontada, Itarema, Itapipoca, Paraipaba e Trairi, e abrange inúmeros espaços de cultivo de todas as variedades de coqueiro. É a região mais dinâmica no que se refere ao cultivo do fruto no Ceará, concentrando 56% da área plantada com coqueiros de todo o estado e em torno de 46% do coco produzido (IBGE/PAM, 2010). Nessa região podemos perceber a existência de um completo e dinâmico circuito espacial produtivo, conforme demonstramos em Cavalcante (2012, 2016), onde o cultivo do coco é uma das principais atividades econômicas dos municípios que a compõem, garantindo a sobrevivência de centenas de pequenos, médios e grandes produtores.

Em virtude da dispersão espacial produtiva do fruto, atualmente, dos 184 municípios cearenses, 172 são produtores de coco (imagem 2),

conforme indicam os dados da IBGE/ PAM, revelando a importância desse cultivo no estado. Apesar disso, essa produção se dá com mais intensidade em alguns poucos municípios, haja vista que somente 10 deles concentravam em 2010 aproximadamente 71% da área plantada com coqueiros e 64% da produção total de coco no Ceará, demonstrando o peso de tais municípios na configuração estadual produtiva do fruto. Assim, nota-se que, apesar da dispersão da produção, ela continua espacialmente concentrada, sobretudo em Trairi, Acaraú, Itarema, Paraipaba, Itapipoca, Beberibe, Pentecoste, Amontada, Camocim e Cascavel, que são os maiores produtores.

Imagem 2
DISTRIBUIÇÃO ESPACIAL DA PRODUÇÃO DE COCO NO CEARÁ, POR MUNICÍPIOS. 1990 – 2010



Organização: Cavalcante e Mendoza, 2015. Disponível em Cavalcante (2015).

Nesses cartogramas (imagem 2) podemos observar a distribuição espacial do cultivo de coco no estado do Ceará nos anos de 1990 e 2010, onde é possível notar que mais municípios passaram a produzir o fruto, indicando uma importante dispersão espacial de seu cultivo, que contribuiu sobremaneira para desconcentrar a produção antigamente realizada com mais intensidade apenas no litoral. Apesar disso, essa produção ainda continua espacialmente concentrada nos municípios litorâneos. O cartograma

de 2010 indica, sobretudo, a atual configuração espacial da produção do fruto no Ceará, que continuará sendo modificada em virtude do atual dinamismo observado no setor. Destaca-se que toda essa produção de coco é realizada em diferentes espaços, os quais serão apresentados brevemente na sequência.

5. Os espaços de produção de coco

Nos municípios nos quais realizamos trabalhos de campo (Acarauá, Amontada, Itarema, Itapipoca, Paraipaba e Trairi) notamos a existência de distintos espaços de produção de coco – os espaços da produção propriamente dita, como se refere Santos (1985). Neles é realizada uma parte importante das atividades associadas ao seu circuito espacial produtivo, as quais não se restringem à produção agrícola do fruto em si, mas também abrangem a comercialização, as relações de trabalho, a incorporação das novas tecnologias, a reorganização fundiária, entre outras, que garantem o desenrolar de uma série de dinâmicas socioespaciais e produtivas associadas ao cultivo de coco em tais espaços.

Ainda conforme assegura Santos (1985, p. 61), é nesses espaços da produção propriamente dita onde podemos perceber como um determinado território é intencionalmente organizado por uma fração da sociedade para o exercício de uma forma particular de produção, dinamizando-o por completo. No que se refere à produção cearense de coco, vários são os exemplos desses espaços, que se localizam basicamente nas áreas próximas ao litoral, no interior dos municípios litorâneos e nos perímetros irrigados, distribuídos sobretudo em fazendas, sítios, assentamentos e lotes agrícolas, facilmente encontrados nos seis municípios que compõem a principal região do cultivo do fruto no Ceará¹², caracterizados a seguir.

Há que se destacar que essa diversidade de espaços de produção de coco leva-nos a pensar também na multiplicidade de agentes que estão diretamente inseridos no circuito espacial produtivo do fruto. Assim, a geografia do coco é feita também de (e por) agentes, cabendo, portanto, considerar as suas formas de atuação e organização, que são importantes para indicar de que maneira eles atuam no processo de produção do espaço.

A partir daí é que será possível vislumbrar as relações sociais de produção de coco, especialmente através da identificação e da caracterização dos principais agentes, que agem intercalando num só movimento diferentes espaços que são articulados no intuito de fomentar a reprodução do setor.

5.1 Os espaços de produção de coco localizados nas áreas próximas ao litoral

Dentre os principais espaços de produção de coco localizados nas áreas próximas ao litoral destacam-se sítios, fazendas e assentamentos, todos eles passíveis de ser encontrados nas comunidades que compõem o litoral cearense. Aí o cultivo do fruto tem outra dimensão, que vai além do aspecto meramente produtivo, podendo ser caracterizada pelo teor cultural que ele representa. Os coqueiros são um símbolo da cultura e da resistência das comunidades litorâneas do Ceará, e por isso mesmo eles são dotados de um significado bastante particular para os agricultores que aí residem. Aliás, os coqueiros têm também uma representação familiar e afetiva, já que funcionam como uma herança que os mais velhos deixam para os mais novos.

Muitas das comunidades localizadas no litoral cearense se encontram em meio aos coqueirais, praias e dunas, a exemplo das visitadas durante os trabalhos de campo – Almofala (em Itarema), Maceió (em Itapipoca) e Caetanos de Cima (em Amontada), onde é comum a existência de coqueirais em meio aos campos de dunas. Nessas comunidades, formadas em sua maioria por pescadores e agricultores, o coqueiro (e o coco) é utilizado em inúmeras atividades, como no artesanato e na construção de casas e jangadas, sendo também amplamente consumido na alimentação local, de forte influência indígena. Em tais comunidades os coqueiros estão por toda parte, sobretudo da variedade gigante, onde há uma imbricação entre os espaços de produção e os espaços de moradia e de lazer. Tais coqueiros são inclusive utilizados como prova de ocupação e demarcação do território, onde comumente, segundo Lima (2002, p. 173), “o dono do pé de coqueiro é também o dono da terra”.

De um modo geral, a produção de coco é por excelência uma das principais atividades econômicas praticadas no litoral cearense. Nas

comunidades aí localizadas, bem como em algumas encontradas já no interior dos municípios litorâneos, a produção de coco é o que mantém a renda das famílias. Conforme informaram os produtores, nenhuma outra atividade agrícola proporciona um rendimento tão bom quanto o observado com a venda do coco seco, cuja colheita é realizada em média quatro vezes ao ano, diferentemente da mandioca e da castanha de caju, colhidas somente uma vez por ano, e do feijão e do milho, produzidos especialmente para o consumo, sendo comercializado apenas o excedente.

Via de regra, a maioria dos produtores que cultivam coco nesses espaços localizados próximos ao litoral podem ser facilmente identificados enquanto camponeses. Para Paulino (2012, p. 140), “é amplamente reconhecido que uma das características que diferenciam unidades camponesas das demais é o caráter pessoal [e comunitário] permeando o conjunto de suas relações”, como visto em tais espaços de produção de coco. A autora acrescenta ainda que “o universo camponês é regido por um código avesso à lógica impessoal do mundo governado pelas cifras oriundas das trocas”, onde o que está em questão é a reprodução da unidade familiar, responsável pela continuidade da atividade, e não a acumulação de capital, conforme observado em outros espaços de produção do fruto, distantes do litoral.

Há um predomínio muito grande de coqueiros gigantes (fotos 1 e 2) nesses espaços localizados próximos ao litoral, que são cultivados de maneira semiextensiva e, por vezes, quase extrativista, com uma rarefeita aplicação de adubos e com os tratos culturais realizados esporadicamente, como a limpeza do coqueiral e da copa dos coqueiros. Como são mais resistentes à escassez hídrica e aos ataques de pragas, essas árvores não são irrigadas, o que implica diretamente uma progressiva redução do seu potencial produtivo. Entretanto, conforme informaram os produtores entrevistados nas comunidades visitadas, isso, aos poucos, vem sendo alterado, acarretando mudanças nas relações sociais de produção e na divisão territorial do trabalho, bem como na organização espacial desses locais.

Foto 1

CULTIVO DE COQUEIRO GIGANTE NA COMUNIDADE DO MACEIÓ, EM ITAPIPOCA/CE



Fonte: Leandro Cavalcante, 2014

Foto 2

CULTIVO DE COQUEIRO GIGANTE NA COMUNIDADE DE ALMOFALA, EM ITAREMA/CE



Fonte: Leandro Cavalcante, 2014.

5.2 Os espaços de produção de coco localizados no interior dos municípios litorâneos

No interior dos seis municípios analisados há uma grande diversidade de espaços de produção de coco, com uma predominância também de sítios, fazendas e assentamentos, além de perímetros irrigados, que representam um espaço à parte. A grande maioria desses espaços surgiu apenas nos últimos 20 anos, conforme informaram seus proprietários, em virtude da dispersão do cultivo de coqueiros gigantes, anteriormente concentrado nas comunidades litorâneas, e devido ao considerável aumento da demanda por coco verde, que fez com que surgissem áreas de cultivo de coqueiro anão e híbrido para suprir essa demanda.

Em todos os seis municípios a presença de coqueiros já é corriqueira no litoral, como visto. Entretanto, o interior desses municípios também está, gradativamente, sendo tomado por coqueiros, cultivados até uns 20 quilômetros de distância da costa, em uma unidade geoambiental conhecida como tabuleiros pré-litorâneos, que, além de ser influenciada pelo regime pluviométrico da planície litorânea, apresenta solos arenosos propícios ao desenvolvimento das árvores. Nessa área, as três variedades de coqueiro são abundantemente encontradas, mas há uma crescente predominância dos cultivos das variedades anã e híbrida.

A visão do coqueiro como integrante da cultura local passa a ser modificada à medida que nos afastamos do litoral. O cultivo de coco começa a atender majoritariamente as necessidades do mercado, havendo uma progressiva redução do consumo do fruto, visto agora apenas enquanto atividade econômica, com exceção do observado em alguns sítios e assentamentos. Para a maioria dos produtores que foram entrevistados, o “coqueiro é sinônimo de lucro”, nada mais do que isso. Assim, fica visível a dualidade existente entre a produção realizada no litoral e a praticada no interior, já que os objetivos são distintos e a acumulação de capital passa a ser mais importante do que a reprodução das famílias em muitos casos.

Os coqueirais já marcam fortemente a paisagem do interior desses municípios, o que chega a surpreender os visitantes não habituados a ver uma grande concentração de coqueiros distante do litoral. Em Trairi, por exemplo, essas árvores estão por todos os lados. Adjetivado como o “ouro da terra”, o coco nesse município assume um papel muito importante,

garantindo o sustento de inúmeras famílias, que trabalham tanto na produção agrícola quanto no processamento industrial e na comercialização dos frutos. Trairi é hoje o principal produtor de coco do Ceará, e o oitavo maior do Brasil, devido à grande concentração de sítios e extensas fazendas que cultivam o fruto sob moldes intensivos.

A maneira como o coco é produzido nesses seis municípios vai depender dos espaços onde essa produção é realizada, seja nas fazendas, sítios ou assentamentos, que se distinguem especialmente no que tange à área cultivada, aos sistemas técnicos utilizados e ao objetivo principal da produção. As fazendas (foto 3), grosso modo, possuem a partir de 50 hectares e muitas delas passam dos 1.000 hectares cultivados com coqueiros, diferentemente dos sítios (foto 4), que ocupam uma área média de até 10 hectares. Os sistemas técnicos encontrados nas fazendas são muito mais modernos e utilizados constantemente, e a produção aí realizada tem a finalidade exclusivamente de atender o mercado e não é consumida pelos produtores, diferentemente do observado nos sítios e em todos os assentamentos aí localizados.

Foto 3

PRESENÇA DE FAZENDAS DE COCO ÀS MARGENS DE RODOVIA EM ACARÁÚ/CE



Fonte: Leandro Cavalcante, 2014.

Foto 4

PLANTIO DE COQUEIROS GIGANTES EM UM SÍTIO EM TRAIRI/CE



Fonte: Leandro Cavalcante, 2011.

5.3 Os espaços de produção de coco localizados nos perímetros irrigados

Nas últimas duas décadas nota-se uma forte concentração do cultivo de coco nos perímetros irrigados nordestinos, e também cearenses. Com isso, observamos o surgimento de novos espaços de produção do fruto no Ceará, onde o cultivo é organizado a partir de lógicas completamente diferentes das observadas no litoral, por exemplo. É especialmente nesses perímetros irrigados onde o capital vem encontrando meios mais favoráveis de se difundir e territorializar, e é onde observa-se uma intensa difusão de diversas inovações técnico-científicas e agronômicas associadas ao novo modelo de cultivo de coco, sob moldes do agronegócio.

Assim, percebe-se que muitos dos perímetros irrigados do Ceará estão se especializando no cultivo exclusivo de coqueiro anão e na produção de coco verde, alterando significativamente a forma e o conteúdo desses espaços, dotando-os de novas características diferentes das observadas

até então. Nesses perímetros irrigados já é possível encontrar as maiores plantações de coqueiro anão de todo o Ceará, produzidas em lotes agrícolas e assistidas por uma ampla rede de irrigação, responsáveis por transformar esses espaços no *locus* do cultivo dessa variedade de coqueiro. Além do cultivo exclusivo de coqueiro anão, a produção desses perímetros visa majoritariamente a suprir as necessidades do amplo mercado de água de coco, tanto nacional quanto internacional.

Seguindo a tendência nacional, foi somente por volta dos anos 1990 que se iniciou a produção de coco nesses espaços, uma vez que até esse período nenhum deles produzia o fruto em escala comercial. Atualmente, nove perímetros irrigados cearenses já produzem coco e 12 já possuem coqueiros plantados, somando no ano de 2012 mais de 51 milhões de frutos colhidos e em média 4.600 hectares cultivados com coqueiros, conforme apontam os dados fornecidos pelo Departamento Nacional de Obras Contra as Secas (DNOCS)¹³. Ainda de acordo com esses dados, entre 2000 e 2012, a área plantada com coqueiros nos perímetros irrigados cearenses apresentou um aumento de 77%, indicando que os produtores estão investindo cada vez mais no cultivo do fruto em detrimento de antigas plantações.

Dentre os nove perímetros que produzem coco no Ceará, o destaque vai especialmente para aqueles localizados nos vales dos rios Curu e Acaraú (identificados na imagem 1). Juntos, os perímetros irrigados Curu-Paraipaba, Curu-Pentecoste, Araras Norte e Baixo Acaraú concentravam em 2012 aproximadamente 99,5% do coco produzido nesses espaços, além de 95,8% da área cultivada com coqueiros. Desses, destaca-se o Curu-Paraipaba (fotos 5 e 6), o principal polo de produção de coco verde do Ceará e um dos mais importantes do país, concentrando em 2012 mais da metade de tudo o que foi produzido (61%) e da área plantada (55%) com o fruto dentre todos os perímetros irrigados cearenses. Com isso, é considerável a importância que a produção de coco exerce em tais espaços, implicando uma refuncionalização de seus usos e uma reorganização das relações sociais aí estabelecidas.

Foto 5
CULTIVO DE COQUEIRO ANÃO E PRODUÇÃO DE COCO VERDE EM PARAIPABA/CE



Fonte: Leandro Cavalcante, 2012.

Foto 6
CULTIVO DE COQUEIRO ANÃO E PRODUÇÃO DE COCO VERDE EM PARAIPABA/CE



Fonte: Leandro Cavalcante, 2014.

6. Considerações Finais

Com este trabalho procuramos caracterizar e analisar a dinâmica espacial da produção de coco no Ceará, focando na espacialização do cultivo desse fruto e na caracterização dos principais locais de produção de coco, intentando evidenciar o modo como o espaço vem sendo produzido a partir da materialização dessa atividade agrícola, responsável por dinamizar os usos e a organização espacial. A partir do que foi exposto, defende-se que o cultivo de coco exerce um importante papel no processo de produção do espaço, especialmente naqueles locais que apresentam um maior dinamismo no cultivo desse fruto, como aqueles descritos anteriormente, responsáveis por influenciar de maneira considerável a configuração territorial de tais espaços e provocar o desenrolar de novas e importantes dinâmicas socioespaciais.

Nesse sentido, infere-se que ao analisar essa dinâmica espacial da produção de coco, buscamos refletir também sobre como o espaço se comporta em um determinado contexto produtivo, mediado pelas relações sociais de produção que o animam. Como todo ato de produzir é concomitantemente um ato de produção do espaço, conforme já ressaltado, Rossini (2009, p. 09) destaca que é nesse sentido que o geógrafo analisará o processo de produção agrícola: enquanto um processo social e histórico, como algo capaz de implicar sobremaneira na produção do espaço geográfico. Isso reforça o papel que as forças produtivas, as relações sociais e os modos de produção exercem na configuração espacial.

Assim, retomamos Santos (2008, p. 205) quando diz que “as novas atividades exigem um lugar no espaço e impõem uma nova arrumação para as coisas, uma disposição diferente para os objetos geográficos, uma organização do espaço diferente daquela que antes existia”, constatando a existência de um novo conteúdo espacial, que é recriado continuamente, já que não existe espaço imutável (SANTOS, 2009). No nosso caso específico, analisamos como uma dada atividade produtiva (o cultivo de coco) é capaz de dinamizar ao mesmo tempo o espaço e a sociedade, a ponto de promover dinâmicas socioespaciais que lhes são próprias, particulares. A configuração dessa atividade impõe, conseqüentemente, uma nova

organização espacial, implicando também uma outra organização social, trazendo rebatimentos em todas as escalas de análise.

Isso fica nítido especialmente quando observamos a fundo as características dos espaços de produção de coco, que são repletos de contradições e de conflitos de classes, tendo em vista que é aí onde as relações sociais se reproduzem, responsáveis também por dotar esses espaços de características significativamente distintas. Pensar nesses espaços de produção de coco é, portanto, ir muito além da dimensão produtiva e abarcar de uma vez só as dimensões espacial e social, ou, em uma só palavra, socioespaciais. Desse modo, percebemos a importância que há no estudo da produção agrícola sob o olhar da Geografia, resgatando o componente socioespacial que há no seio dessa atividade, a qual não deve ser negligenciada. É certo que é na busca da compreensão da relação entre espaço e sociedade que devem estar ancorados os estudos geográficos, especialmente aqueles voltados para a apreensão da atividade produtiva agrícola, que exerce um papel fundamental no processo de produção do espaço.

Notas

- 1 O coco, popularmente também chamado de coco-da-baía, coco-da-praia e coco-da-índia, é o fruto do coqueiro (*Cocos nucifera*), espécie classificada no gênero *Cocos*, de origem asiática.
- 2 São eles: Paraipaba, Trairi, Itapipoca, Amontada, Itarema e Acaraú.
- 3 A exemplo de produtores de coco, trabalhadores, representantes de empresas agrícolas e agroindustriais, presidentes de sindicatos rurais, secretários de agricultura, comerciantes, pesquisadores, entre outros.
- 4 Mestrado realizado na Universidade Estadual do Ceará e com bolsa do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).
- 5 Processo caracterizado, entre outros, pela modernização da produção de coco, pelo aumento da produtividade e área plantada com o fruto, pela expansão do consumo de água de coco, pela ampliação do número de empresas agrícolas e agroindustriais especializadas na produção e processamento industrial do fruto e pela dispersão espacial desse cultivo por todas as regiões do país, como analisado por nós em Cavalcante (2014, 2015).
- 6 Dentre os primeiros geógrafos brasileiros que se debruçaram a estudar alguma dinâmica associada à produção de coco, destacamos sobretudo Santos (1941), Pedrosa (1947), Simões (1954), Andrade (1964, 1968), França (1988) e Costa (1998).
- 7 “Produzir significa tirar da natureza os elementos indispensáveis à reprodução da vida. A produção, pois, supõe uma intermediação entre o homem e natureza, através das técnicas e dos instrumentos de trabalho inventados para o exercício desse intermédio” (SANTOS, 2008, p. 202).

- ⁸ Há três variedades diferentes de coqueiros: o coqueiro anão (cultivado de forma intensiva e voltado para a produção de coco verde), o gigante (cultivado de forma extensiva e voltado para a produção de coco seco) e o híbrido (obtido a partir do cruzamento entre o anão e o gigante).
- ⁹ Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – Produção Agrícola Municipal.
- ¹⁰ De acordo com Cuenca e Nazário (2003), historicamente o Ceará sempre foi um dos principais produtores de coco do Brasil, assumindo um lugar de destaque no contexto produtivo nacional, juntamente com Bahia e Sergipe.
- ¹¹ Entendemos por “especialização produtiva” a distribuição de uma dada produção em um determinado espaço.
- ¹² De acordo com os dados do Censo Agropecuário de 2006 (IBGE), dos 3.611 estabelecimentos que produziam coco em todo o Ceará, 2.168 estavam localizados apenas nos seis municípios elencados para análise, o que representa 60% do total.
- ¹³ A título de informação, existem 14 perímetros irrigados no Ceará, construídos e mantidos pelo Governo Federal via DNOCS, sendo possível verificar a existência do plantio de coqueiros em 12 deles, anteriormente inexistente.

Referências

ANDRADE, Manuel Correia de. **A terra e o homem no Nordeste**. 2. ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1964.

ANDRADE, Manuel Correia de. Latifúndio, cana-de-açúcar e coco no norte de Alagoas. **Symposium**, Recife, ano 10, p. 05-59, 1968.

CAVALCANTE, Leandro Vieira. **Os circuitos espaciais e os círculos de cooperação da produção de coco no Litoral Oeste do Ceará**. Monografia (Graduação em Geografia). Universidade Estadual do Ceará: Fortaleza, 2012.

CAVALCANTE, Leandro Vieira. **La restructuration de la production de noix de coco au Brésil: enjeux et défis**. Le cas des nouvelles dynamiques socio-spatiales du Périmètre Irrigué Curu-Paraipaba. Mémoire de recherche (Master en Géographie). Université Paris 1 – Panthéon Sorbonne: Paris, 2014.

CAVALCANTE, Leandro Vieira. **A nova geografia do coco: reestruturação produtiva, territorialização do capital e dinâmicas socioespaciais**. Dissertação (Mestrado em Geografia). Universidade Estadual do Ceará: Fortaleza, 2015.

CAVALCANTE, Leandro Vieira. Os circuitos espaciais da produção de coco no Litoral Oeste do Ceará. **Caminhos de Geografia**, Uberlândia, v. 17, n. 57, p. 41-48, 2016.

COSTA, José Eloízio da. **A cadeia produtiva do coco em Sergipe: uma abordagem histórico-estrutural**. Tese (Doutorado em Geografia). Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 1998.

CUENCA, Manuel Gutiérrez; NAZÁRIO, Cristiano Campos. **Comportamento da cocoicultura nos tabuleiros costeiros do Ceará**. Sua evolução entre 1990 e 2002. Aracaju: Embrapa Tabuleiros Costeiros, 2003.

FRANÇA, Vera Lúcia. **Mudanças nas áreas cocoicultoras do litoral sergipano**. Dissertação (Mestrado em Geografia). Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 1988.

IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo Agropecuário de 2006**. IBGE: Rio de Janeiro, 2007.

IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Produção Agrícola Municipal - 1990, 2000, 2010**. IBGE: Rio de Janeiro, 2015.

LEFEBVRE, Henri. **A reprodução das relações de produção**. Porto: Publicações Escorpião, 1973.

LEFEBVRE, Henri. **La production de l'espace**. 4. ed. Paris: Éditions Anthropos, 2000.

LÉVY, Jacques; LUSSAULT, Michel. **Dictionnaire de la géographie et de l'espace des sociétés**. Paris: Belin, 2013.

LIMA, Maria do Céu. **Comunidades pesqueiras marítimas no Ceará**: território, costumes e conflitos. Tese (Doutorado em Geografia Humana). Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002.

PAULINO, Eliane Tomiasi. **Por uma geografia dos camponeses**. 2. ed. São Paulo: Editora UNESP, 2012.

PEDROSA, Carlos. O colhedor de côcos. **Revista Brasileira de Geografia**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 02, p. 196-198, 1947.

ROSSINI, Rosa Ester. A produção do novo espaço rural: pressupostos gerais para a compreensão dos conflitos sociais no campo. **Revista Campo-Território**, Uberlândia, v. 4, n. 8, p. 05-28, 2009.

SANTOS, Lindalvo Bezerra dos. Coqueirais das praias do Nordeste. **Revista Brasileira de Geografia**, Rio de Janeiro, v. 3, n. 01, p. 153-154, 1941.

SANTOS, Milton. **Espaço e método**. São Paulo: Nobel, 1985.

SANTOS, Milton. **Metamorfoses do espaço habitado**. 3. ed. São Paulo: Hucitec, 1994.

SANTOS, Milton. **Técnica, espaço, tempo**. 2. ed. São Paulo: Hucitec, 1996.

SANTOS, Milton. **Por uma Geografia nova**. 6. ed. São Paulo: EdUSP, 2008.

- SANTOS, Milton. **A natureza do espaço**. 4. ed. São Paulo: EdUSP, 2009.
- SANTOS, Milton; SILVEIRA, Maria Laura. **O Brasil**: território e sociedade no início do século XXI. 5. ed. Rio de Janeiro: Record, 2003.
- SILVEIRA, Maria Laura. Uma situação geográfica: do método à metodologia. **Revista Território**, Rio de Janeiro, ano 4, n. 06, p. 21-28, 1999.
- SIMÕES, Ruth Mattos Almeida. Comentário do mapa da produção de côco-da-bahia no Estado da Bahia. **Boletim Geográfico**, Rio de Janeiro, ano XII, n. 123, p. 435-437, 1954.
- SOJA, Edward. La réaffirmation de l'espace dans la théorie sociale : la prochaine *fin de siècle*. In: BENKO, Georges. (Org.). **Les nouveaux aspects de la théorie sociale**. De la géographie à la sociologie. Caen: Paradigme, 1988. p. 01-14.
- STOCK, Mathis. Penser géographiquement. **Géopoint**, Séminaire Demain la Géographie - Groupe Dupont, Avignon, p. 23-37, 2006.

Recebido em: 04/02/2017

Aceito em: 08/04/2017